

PROGRESSÃO GEOMETRICA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Ninguém presta atenção aos deputados e jornalistas que denunciam as bandalheiras, porque há bandalheiras demais. Quanto mais grave é a situação do país, sob esse ponto de vista, mais insensível se torna a opinião pública, e então, como é fácil compreender, o grave passa a ser gravíssimo e a iniquidade segue a lei da progressão geométrica. Tempos atrás, a propósito de um estudo sobre o subdesenvolvimento, descobrimos o mecanismo que os ciberneticistas chamam de "feed-back", e que o economista Gunnar Myrdal chamou de causação circular cumulativa. Consiste na agravação das causas pelo refluxo do efeito, e no crescimento parabólico dos efeitos assim multiplicados. Ora, o que hoje se vê é que o processo se aplica também ao campo da desordem moral. Se tivéssemos um só escândalo por mês, um só abuso de poder praticado por algum preposto da Presidência, ou pelo próprio Presidente o país teria vinte e nove dias para recompor a epiderme moral e para se arrepiar quando ocorresse o próximo escândalo. Quando porém a bandalheira, o roubo, a ganância, o abuso descarado, a falta de escrupulo e de vergonha, etc. etc. produzem um escândalo por dia, um escândalo por hora, e deixam entrever na sombra um volume que daria para produzir um escândalo por minuto... então, então, aí de nós, o povo se habituou, o barbeiro que ouve a história nem interrompe o ritmo da escanhoação, a moça que ouve o caso sorri, o papai que tem notícia do fato na hora do jantar levanta os ombros e pede para passarem o arroz, o padre ergue os braços discretamente ao céu, e assim por diante cada um reage cada vez menos; e se cada um reage cada vez menos, então, então, aí de nós, o abuso dos que mandam será cada vez mais volumoso e mais indecente.

Eram estas as amargas reflexões que ontem eu fazia quando o deputado Adauto Cardoso me dizia pelo telefone a denuncia que fizera das tremendas irregularidades que ocorrem na Legião Brasileira de Assistência diante de um plenário indiferente, diante de uma opinião pública anestesiada. A propósito de um artigo meu onde dizia que só faltava eles meterem a mão no chapéu do cego para surripiarem a esmola, o deputado Adauto Lucio Cardoso telefonou-me para queixar-se da inexistência de minha crônica. Não! exclamava o deputado. Nem isto falta. O roubo já chegou ao chapéu do pobre. Já atingiu os orfanatos, os leitos de maternidade, as crianças doentes e com fome. Epassou a enumerar

o que dissera em discurso, sexta-feira última, repetindo aliás o que já dissera em maio. O dinheiro da Legião está sendo desviado, e acontece que o personagem que desvia é irmão de dona Sara Kubitschek. O dinheiro está sendo depositado a prazo fixo, e acontece que o Banco Real Brasileiro onde está sendo depositado o dinheiro da Legião, o resto do dinheiro da insolúvel Legião, pertence a outro irmão de dona Sara Kubitschek.

Publiquei no Diário de Notícias a conversa telefônica do deputado Adauto Lucio Cardoso, com nomes, cifras e demais referências, e no mesmo dia em que publiquei o artigo fui chamado muitas vezes ao telefone por diversas pessoas, entre as quais alguns funcionários da LBA que me disseram a mesma coisa que o deputado Adauto Cardoso dissera dias atrás. Eu estava enganado na medida, na proporção, e dera exemplos insignificantes comparados com as verdadeiras dimensões da desordem, do abuso, da arbitrariedade que reina na infeliz Legião. Veja pois o leitor. Falei em roubarem o pobre e vem o deputado e eleva ao quadrado a medida que já me parecia exagerada: publico as informações do deputado e lá vieram os telefonemas dos funcionários da LBA e elevaram-na ao cubo. Onde iremos parar nessa progressão geométrica? E Brasília? Hoje é um deputado da situação, o sr. Eloy Dutra, que não resiste e proclama: "Não há neste país uma pessoa sequer que não saiba, por uma questão de intuição, que em Brasília se localiza a maior quadrilha de gangsters que já se organizou no Brasil". O estilo do deputado petebista não me parece muito feliz porque deixa um flanco fácil para o Diário Carioca dizer que as acusações da oposição são feitas "por uma questão de intuição". Não. No momento instantâneo em que o sr. Eloy Dutra proferia esta frase, a Câmara fervia com mais um escândalo que envolvia o deputado Miguel Bahuri em graves acusações feitas pelo sr. Meinberg.

E assim, nesse ritmo acelerado, como convém ao governo de um superexcitado, cresce o volume das vergonhas nacionais muito mais depressa do que crescem os edifícios em Brasília. Mas o público, por força daquela maldadada lei da causação circular cumulativa, reage cada vez menos, e nós outros, os colonistas, os cronistas, se quisermos desafogar a consciência temos de remar contra a corrente, temos de correr o risco de perder nossos leitores por excesso de amargor. Ninguém quer se aborrecer periodicamente, todos os sábados ou três vezes por semana His-

tórias de escândalos podem ser saborosas, uma, duas, dez. Mas mil enchem. E então? Que podemos fazer em tal conjuntura? É verdade que temos diante de nós uma esperança eleitoral: já seria admirável se o resto do Brasil se configurasse por São Paulo. Sim, temos diante de nós ainda uma janela de ar, uma resga de esperança cívica. E era isto que os meus anônimos interpeladores diziam invariavelmente no fim dos amargos telefonemas: "tão há de ser nada! A vassoura vem aí..."